

REVOLUÇÃO PELO MORAR: transformação social e cultural por meio dos projetos habitacionais soviéticos

Lucas Martinez Knabben¹

Artigo recebido em: 26/10/2021.

Artigo aceito em: 14/03/2022.

RESUMO:

A questão habitacional se demonstra como um problema a ser encarado e enfrentado em todo o mundo, que se mostra latente desde o período da Revolução Industrial, com o êxodo rural e a migração para os centros urbanos, e com reverberação até os tempos atuais com propostas para as políticas habitacionais. O presente artigo pretende analisar, a partir de uma revisão bibliográfica sobre os estudiosos do campo da habitação, do morar e da habitação soviética, as soluções propostas para a questões de moradia da União Soviética nos anos de 1920, expondo a vontade tanto do regime quanto dos arquitetos soviéticos, que bebiam do efervescer do modernismo na Europa de transformar o homem a partir da manipulação dos espaços e de sua política habitacional.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, União Soviética, Modernismo, Habitação, Moradia

REVOLUTION FOR HOUSING:
social and cultural transformation through soviet housing designs

ABSTRACT:

The housing issue is shown as a problem to be faced and faced around the world, which has been latent since the period of the Industrial Revolution, with the rural exodus and migration to urban centers, and with reverberation to the present time with proposals for housing policies. The present article intends to analyze, based on a bibliographical review on scholars in the field of housing, housing and Soviet housing, the proposed solutions to the housing issues of the Soviet Union in the 1920s, exposing the will of both the regime and the Soviet Union. of the Soviet architects, who drank from the effervescence of modernism in Europe to transform man through the manipulation of spaces and his housing policy.

KEYWORDS: Architecture, Soviet Union, Modernism, Housing, Dwelling

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo. É membro do Grupo de Pesquisa CNPq Cidade, Arquitetura e Patrimônio em Perspectiva Histórica (CAPPH). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2314081327452158>. E-mail para contato: lucasknabben@gmail.com.

1. Introdução

As discussões acerca da problemática da habitação social são tratadas desde o impacto da Revolução Industrial na malha urbana, que reorganizou materialmente as cidades industriais europeias, sendo debatida internacionalmente por meio da produção arquitetônica coletiva moderna (CUNHA, 2019). A urbanização moderna nasce em resposta às consequências estabelecidas para essa nova organização espacial da cidade industrial do final do século XVIII e início do século XIX. Com uma massa de trabalhadores migrando do campo para a vida urbana, se tornou mais latente a problemática acerca do crescimento urbano desenfreado e desgovernado na Europa, e a escassez de habitação.

A consolidação da produção industrial e as transformações das sociedades decorrentes do processo de pós Primeira Guerra Mundial são fatores determinantes para as transformações da sociedade europeia. Isso ocorre especificamente devido às mudanças na valorização do direito individual e na configuração familiar, tornando necessário, assim, que se estudasse, dentro do campo da arquitetura, as mudanças nessa estrutura social para a reformulação de programas de desenvolvimento de tipos e tamanhos de projetos habitacionais adequados.

A arquitetura moderna surge com o objetivo de revolucionar a produção de espaços e vincular essa produção com uma função social² por meio da utilização das novas técnicas construtivas disponibilizadas pela industrialização, como a possibilidade da utilização do concreto armado em sistemas construtivos. Ao mesmo tempo que Karl Marx (1818-1893) fazia uma análise categorial do capitalismo para superá-lo, os criadores artísticos das vanguardas europeias do final do século XIX e

² Um dos objetivos do movimento moderno arquitetônico era a justificativa de se existir para melhorar o ambiente humano em uma sociedade industrial moderna. Na década de 1920, o uso do termo “racional” serviu para atender duas frentes: uma primeira, que visava a utilização de elementos construtivos modernos a fim de uma expressão honesta do design, uma segunda que visava uma abordagem científica às necessidades humanas a partir do uso de projetos e programações. Assim, a função social da arquitetura, dentro do movimento moderno e como uma demanda de seu tempo, tem como objetivo, além de uma função propriamente dita para os seus usuários, principalmente tratando-se de uma arquitetura habitacional, a mudança social e de seus hábitos cotidianos (WURSTER, 1965; COHEN, 2013).

início do XX, e entre eles os arquitetos, acreditavam que a arte, a arquitetura e a organização espacial deixam de ser um reflexo da sociedade para se tornar um instrumento de reconstrução e superação desse antigo corpo social.

Mas essa arquitetura habitacional pensada como vetor da transformação social e símbolo dos novos tempos, de imediato, não foi recebida massivamente. Miguel Felipe Silveira dos Santos (2018) nos expõe que, mesmo com o relativo sucesso da *Bauhaus*³, produzindo através do seu didatismo pedagógico baseado na vinculação metodológica entre teoria, prática e técnica, e Le Corbusier articulando o seu conceito de habitação como uma “*machine à habiter*”⁴ consiga formular uma espécie de célula de habitação econômica a ser reproduzida em larga escala, esparsas são as oportunidades de se apresentar alternativas consolidadas para o problema habitacional europeu.

Assim, a solução para moradias trazidas pela arquitetura moderna, pensadas não só individualmente como coletivamente, tem como objetivo ser gerador de novos espaços e novas técnicas, adequando o mundo a novos modos de morar, que não foram adotados de imediato. As experiências do morar moderno foram pontuais, sendo na União Soviética o primeiro momento que foi pensado em uma célula habitacional coletiva destinada aos trabalhadores e, ao mesmo tempo, como moldadora da sociedade, na década de 1920, logo após a revolução de 1917.

³ A Bauhaus foi uma escola de artes, design e de arquitetura de vanguarda, localizada na Alemanha, que visava a produção de um novo homem e de um novo mundo, prezando por uma educação que se voltasse para o indivíduo, em contraponto com os ensinamentos nas academias de artes, por meio da experimentação prática, em uma escala industrial e que atendesse as respostas dos problemas sociais oriundos da Revolução Industrial, valorizando a função sobre a forma. Ver COSTA, Cláudia. Professores da USP analisam os 100 anos da Bauhaus: criada em 1919 com um estilo arrojado, escola alemã lançou as bases da arquitetura contemporânea. *Jornal da Usp*. São Paulo, p. 1-1. abr. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/professores-da-usp-analisam-os-100-anos-da-bauhaus/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

⁴ O conceito de *machine à habiter* consistia numa racionalização dos espaços do morar a partir dos conjuntos que compunham essa moradia. Assim, “Le Corbusier preconizava a supressão de tudo aquilo que não fosse uma função precisa, da mesma forma que negou a legitimidade do ornamento.” (LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. Ética e estética: o espaço construído em Le Corbusier. In: IV ENCONTRO TECNOLÓGICO DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 1., 2003, Maringá. Anais [...]. Maringá: Eduem, 2003. p. 10-17.)

Com isso, esse artigo pretende expor, a partir de revisões bibliográficas, de que maneira a utilização da arquitetura construtivista soviética, fruto do movimento artístico moderno soviético, foi atuante tanto para a resolução de seus problemas habitacionais quanto para nortear a mudança social em seu país a partir de uma política pública desenvolvida pelas lideranças revolucionárias do país.

2. As reivindicações sobre habitação na Rússia Revolucionária: do governo provisório aos primeiros anos da revolução

A questão habitacional se tornou fortemente presente em território Russo na segunda metade do século XIX e início do século XX, no qual, a partir da Reforma de 1861, que abolia a servidão em território russo, e o surgimento de fábricas capitalistas que contava com uma considerável força de trabalho, geraram o fenômeno de êxodo rural na Rússia (VILLELA, 1970). Com isso, antes mesmo da Revolução de Outubro de 1917 as demandas sociais por habitações já eram existentes com o tzarismo, derrubado no mesmo ano da Revolução, por meio da migração de trabalhadores do campo para trabalhar nos centros urbanos, que não estavam preparados para receber a demanda residencial. Essa escassez se torna mais exponencial com o início da Primeira Guerra Mundial. Com a queda do tzarismo por operários e soldados revolucionários, é instituído o governo provisório para se criar uma assembleia constituinte para pôr fim ao absolutismo russo. Os trabalhadores, que compunham, junto dos soldados, os soviets, tinham a esperança de que, com a queda do regime tzarista, houvesse mudanças significativas em suas vidas. Mas, segundo Wanderson Fabio de Melo,

A processualidade da relação dual de poder evidenciou o caráter do Governo Provisório que contava com o apoio dos conciliadores socialistas-revolucionários e mencheviques. Desse modo, o governo oficial não foi capaz de tirar a Rússia do conflito imperialista, não realizou a reforma agrária, não reconheceu o controle operário da produção, demonstrou-se incapaz em garantir a autodeterminação dos povos, tampouco emitiu algum decreto requisitando locais para efetivação da reforma urbana, que enfrentasse a especulação imobiliária nas grandes cidades. (MELO, 2020)

A situação revolucionária de 1917 alimentou mais ainda o programa dos socialistas para a habitação popular, mesmo sem ter muita precisão de quais medidas

deveriam adotar, mas nunca deixaram de ter como norte o que Marx colocava no Manifesto Comunista como uma combinação de uma gradual abolição da distinção do urbano para o rural por uma melhor distribuição populacional no país (MEYER, 1989). O tema era trazido por Lênin em diversos textos. Segundo o revolucionário, em “O estado e a revolução”, a questão da habitação social só seria resolvida com a abolição da propriedade privada:

O Estado precisa de desalojar coercitivamente uma determinada família de sua casa e de alojar outra. Isto é o que faz a todo o momento o Estado capitalista, e irá fazê-lo também o nosso, o Estado proletário e socialista. (LENIN, 1988, p. 346)

Lênin, em sintonia com os anseios dos trabalhadores e dos desabrigados, registrou a necessidade de ocupação dos espaços nas residências urbanas e sua divisão espacial da mesma moradia com vista a proteger a população de situação de penúria naquele momento. Essa coabitação, segundo Lênin, seria temporária e emergencial, prevista até o momento de novas construções de moradia.

Com a vitória da Revolução de Outubro, os bolcheviques levaram em conta a vontade popular na elaboração de seu programa, que encampou os anseios dos segmentos em lutas nos grandes centros urbanos e nas regiões rurais (MELO, 2020). A desapropriação soviética das propriedades urbanas foi realizada por meio da lei de “Direitos Básicos da Classe Trabalhadora Explorada” de 13 de janeiro de 1918. A lei, que tratava da propriedade rural, dizia que

a propriedade privada estava abolida, e todas as terras seriam de propriedade de toda a nação e entregue a classe trabalhadora sem compensações com base no uso equitativo da terra. Todas as florestas, riquezas minerais e reservatórios d’água de importância nacional, todos os móveis e inventários de móveis, modelos de propriedades agrícolas, comércios especializados são declarados propriedades nacionais (MARTEL, 1970, p. 160. Tradução do autor)

Já a lei que tratava sobre a propriedade urbana, a de 20 de outubro de 1917, determinava, além da entrega das residências às administrações municipais autônomas e autorizava o poder municipal a confiscar residências inabitadas para ser colocada à disposição da população pobre, como a lei de 1918, proíbe especulações de terras, declarando nulas as vendas ou hipotecas de imóveis nas cidades (MARTEL, 1970).

Com isso, o cenário de moradia das grandes cidades da nascente União Soviética no início do século XX é marcado por superpopulação dos apartamentos burgueses, que possuíam uma disposição que não era pensada para ser um condensador habitacional. Eram destinadas para acomodar um núcleo familiar, contando com uma separação dos espaços, gerando uma privacidade para quem ali residisse (PROST, 2015). A partir das desapropriações das propriedades particulares, esses apartamentos burgueses foram adaptados para o uso coletivo pós-revolução, a fim de atender um número maior do que apenas um núcleo familiar. As ocupações desses apartamentos, que possuíam dimensões consideráveis, foram estimuladas pelos bolcheviques destinando-os para os desabrigados, tornando, assim, a transformação desses apartamentos nas “*komunalki*”, ou apartamentos comunais como uma medida imediata para a escassez habitacional dos grandes centros urbanos.

Esse tipo de medida de transformar apartamentos em residências comunais fornecia uma solução temporária como resposta às condições de vida precária dos trabalhadores em cidades como Moscou e São Petersburgo, no qual já contava com empresas industriais enraizadas.

Foram experimentadas, nos anos de 1920, uma tipologia arquitetônica residencial para operários de casas unifamiliares de baixa densidade próximas a essas indústrias. A exemplo, temos as casas aos redores da cooperativa Sokol, em Moscou, projetada por Nikolay Markovnikov, em 1923 (VEGA, 2020), mas o experimento foi pontual, não sendo replicado em massa e como política habitacional para atender os trabalhadores que se deslocavam para os centros urbanos.

3. Mudança da sociedade pela arte: o Movimento Construtivista

Como exposto anteriormente, a adesão das NEPS para tentar contrariar o cenário de deterioramento do aparelho produtivo soviético resultou numa forte migração de trabalhadores vindos do campo para as cidades, que recebiam crescente processo de industrialização. Ao mesmo tempo que gerou a necessidade urgente para soluções por moradias, possibilitou a Rússia aumentar sua produção anual em torno de 6 a 7% ao ano, acelerando o processo de urbanização já facilitado pelas estradas

de ferro (SANTOS, 2018), e essa necessidade perpassa por um anseio dos revolucionários de transformar a cidade, que representava a cidade capitalista, em uma cidade que representasse o regime socialista.

Deste modo, a pesquisa arquitetônica nesse período foi mais incentivada e mais projetada do que qualquer país ocidental capitalista (SANTOS, 2018). É nesse contexto do início dos anos 1920, dentro dos debates estilísticos acerca das novas e velhas formas que se delineia o surgimento do campo arquitetônico soviético. Havia, segundo Kopp (1990), uma vontade de correlacionar o projeto arquitetônico com a questão social e essa ideia não era nova dentro do campo de pensamento urbanístico e arquitetônico. Charles Fourier (1772 – 1837), socialista utópico francês, já havia proposto o tipo de habitação conhecido como “falanstério”⁵ no século XIX, que pensava um tipo de habitação em que haveria diversos espaços de sociabilização e de coletividade, servindo de inspiração para o pensamento habitacional soviético.

A grande maioria dos artistas de vanguarda moderna russa até um pouco depois da Revolução se define como supematista ou futuristas, mesmo com a possibilidade de se criar um movimento que seja fruto da nova realidade que estava sendo produzida. O movimento construtivista surge como movimento bem definido com a criação do INKhUk (Instituto de Cultura Artística), em 1921, com a publicação do “Manifesto Realista”, ambos em Moscou (CUNHA, 2019), e a publicação do manifesto construtivista, em 1922, por Alexei Gan, denominado “O construtivismo”. Para Gan, o Construtivismo era a visão completa do mundo, uma *weltanschauung*, e deveria se tornar a forma superior de engenharia das formas de toda a vida (KOPP, 1990).

O coletivo de artistas que se inseriam no construtivismo estabelecia seu compromisso com o materialismo marxista e rejeitava a arte como um produto de consumo burguês. Para eles, a arte deveria estar a serviço das necessidades da sociedade e priorizando o design de objetos e utensílios do cotidiano com recursos

⁵ Ver: BARROS, Jose D’assunção. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. Mediações - Revista de Ciências Sociais, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 239-255, 13 set. 2011.

da produção fabril, valendo-se da qualidade estética desse produto industrial a partir de um significado técnico e funcional (NUNES, 2017).

Assim, o construtivismo surge como a “[...]combinação da revolução na arte e no Estado permite que o artista russo encare a tarefa de criar um mundo” (BANN, 1974, p. 4 apud CUNHA, 2019, p. 5). Com o movimento artístico era possível, então, abordar arte juntamente com as questões da Revolução Russa, especialmente quando essa busca resulta em uma ruptura com as concepções existentes do papel e da prática da arte que, para o movimento, deve ser um instrumento de transformação social. A “arte de esquerda”, termo utilizado para a tipologia artística que propunha romper com a produção artística tradicional, é concebida por seus autores como um dos seus instrumentos da revolução como um meio de transformar as relações entre os homens e até mesmo o próprio homem (KOPP, 1990). Nunes (2017) nos diz que o movimento construtivista

[...] se formula como uma tendência que defende uma arte de sentido útil e funcional, não só empenhada no progresso trazido pelas novas tecnologias e pela produção industrial, como também comprometida ideologicamente no processo de ‘construção da sociedade soviética’ (NUNES, 2017, p. 88).

Desse modo, a visão construtivista se justifica a partir do argumento de que a construção de uma sociedade sem classe e coletivizada poderia ser acelerada por meio da atribuição à arte do papel de ser transformadora espacial e social. Os “artistas de esquerda” e algumas lideranças da revolução russa pensam que a construção da sociedade sem classe, que era o objetivo final da revolução, pode ser estimulada ou freada pelo quadro da vida em que se desenvolvia essa sociedade e o “artista de esquerda” acreditava acelerar esse processo a partir de sua arte e de sua ação sobre o ambiente (KOPP, 1990). O efeito que se pretendia era promover a educação para a revolução cultural induzida pelas formas que seriam projetadas nos mais diversos campos de atuação possíveis, cabendo aos ramos das artes como pintura, escultura, teatro e, inclusive, a arquitetura, como promotoras dessa revolução cultural. E é por meio do campo da arquitetura que o artista conseguia, segundo Nunes (2017), estabelecer conexão do Estado com os trabalhadores, no qual seus edifícios deveriam ser “[...] ‘práticos e funcionais’ e, por outro lado, submeter-se a uma linguagem

facilmente ‘legível ou assimilável’ por parte dos trabalhadores, a quem se destinavam.”
(NUNES, 2017, p.99)

4. A habitação social soviética como vetor da transformação do homem e da sociedade: a Dom-Kommuna

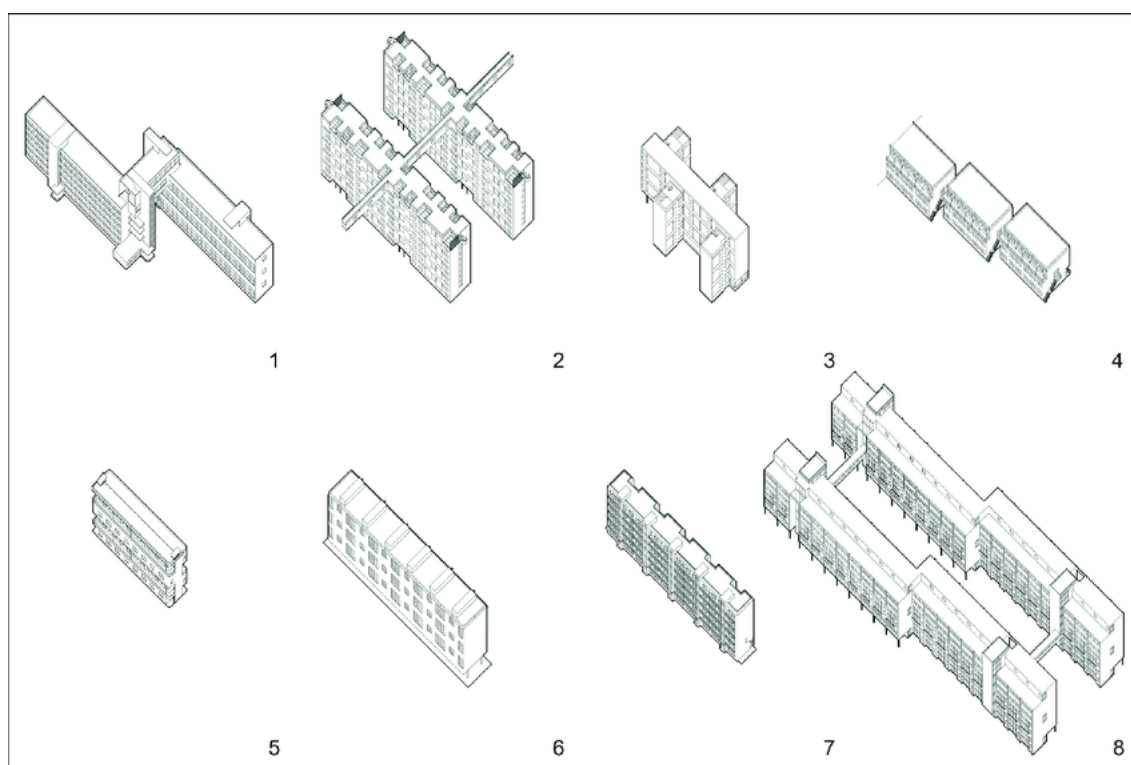
Para atender a proposta arquitetônica construtivista, seus arquitetos deveriam buscar a união da questão social com a econômica, tornando o projeto executável, a procura de criação de um organismo doméstico para facilitar a produção de novas relações ativas e domésticas entre trabalhadores, levando a constituição de uma comunidade a partir da unidade habitacional edificada.

A vanguarda construtivista soviética se divide em dois grupos: OSA (União dos Arquitetos Contemporâneos), liderada pelos arquitetos Ginzburg e Vesnin, fundada em 1925 por Ginzburg, e ASNOVA (Associação de Novos Arquitetos), composta pelos arquitetos Ladovsky, El Lissitsky, Melnikov, Lubetkin, fundada em 1923 por Ladovsky. Os grupos se diferenciam por sua metodologia diante das questões acerca da visão construtivista, e representam a frente da ação do modernismo científico no país, no qual a ASNOVA se encontra muito mais ligada a questão estética arquitetônica e a OSA ligada ao construtivismo e a transformação revolucionária da sociedade.

A questão da habitação social coletiva representa uma área fundamental para a pesquisa e produção construtivista. A criação do Seção de Pesquisa em Problemas de Tipos Habitacionais, segundo Tayná Marques Cunha (2019), liderada pelo arquiteto Moisey Ginzburg, integrante e líder do grupo OSA que, junto de sua equipe, desenvolveu durante 5 anos pesquisas de tipologias habitacionais que persistem em 3 pilares: conceitual, científico e empírico (VEGA, 2020), avaliando a demanda dos trabalhadores e avaliando métodos e maneiras construtivas. Com isso, a revista *Sovremennaya Arkhitektura*, ligada a OSA, lança um concurso com o título “As novas formas de habitação contemporânea “e tem como objetivo declarado de não apenas resolver a falta de habitação dos trabalhadores na União Soviética, mas também, segundo Vega, de facilitar “novas relações que se enquadram na noção da comunidade”.

A partir do concurso nasce um novo tipo de habitação: o “*Dom Kommuna*” ou “Residência Comunal”, que tinha como objetivo socializar o modo de vida dos trabalhadores e melhorar a sua condição de vida. Por meio do concurso, fizeram oito propostas projetuais apresentadas por membros da OSA, expostas na Figura 1. Com um aceno evidente para o ocidente e sua linguagem modernista que favorecia os espaços livres, estes projetos não eram homogêneos, se configurando na construção de edifícios habitacionais até em projetos que extrapolavam a própria edificação e se assemelhavam com as dimensões de um bairro (VEGA, 2020).

Figura 1 – As oito propostas habitacionais dos membros da OSA



Fonte: VEGA, Daniel Movilla. **Housing and Revolution:** from the dom-kommuna to the transitional type of experimental house (1926-30). *Architectural Histories*, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 1-16, maio 2020.

Ginzburg acreditava que um dos aspectos importantes a serem levados em consideração no projeto de novos edifícios é a dialética do desenvolvimento da vida. Eles podem ser construídos para permitirem a passagem gradual e natural para os usos e serviços comunitários em uma série de áreas.

Pretendendo alcançar a meta de reconstrução do ambiente e ser reflexo da sociedade socialista, os projetos da União Soviética em meados dos anos de 1920 expressam princípios presentes na maior parte das utopias entre os quais a vida comunitária, refeições em conjunto, cozinhas coletivas, abolição da divisão do trabalho e transformação da natureza, totalmente oposto ao que a habitação particular burguesa propunha com as suas segregações espaciais (PROST, 2015). A fim de atender esses objetivos, a maioria das soluções espaciais apresentadas tinham em comum a redução do espaço individual das habitações e a utilização do espaço restante como áreas comunitárias incorporadas no edifício bem como a elaboração de novos layouts para células habitacionais, seus acessos e agrupamentos (CUNHA, 2019). Segundo Vega, a maioria das propostas apresentadas possuíam bibliotecas, cozinhas e salas de jantares coletivas, atendendo a um serviço social de seus moradores, como se fosse a esfera pública adentrando na esfera privada familiar, podendo estar ou não associado ao edifício habitacional.

Essas novas unidades habitacionais serão consideradas como “condensadores sociais”, termo criado para se referir a edifícios, complexos, distritos ou cidades influenciam os usuários pelo uso, de modo a adequar seus hábitos ao novo modo de vida que visava colocar em prática novos relacionamentos humanos no trabalho e no cotidiano, como os teóricos do marxismo evocavam em seus escritos (KOPP,1990).

5. Os impeditivos para a produção habitacional e a execução de um protótipo para o morar: o *Narkomfin*.

A alta produção dos arquitetos da OSA para soluções habitacionais, e essas soluções serem uma forma da transição do modo de vida das pessoas para o socialismo, chamou a atenção do Departamento de Padronização da *Stroykom* da URSS para explorarem outras tipologias de habitação. Com isso, foi criado um escritório de seção social para o desenvolvimento de padronizadores habitacionais (VEGA, 2020). Cabia na instituição não somente a promoção da nova tipologia habitacional, mas capacitar tecnicamente trabalhadores para lidarem com os novos materiais de construção.

A *Stroykom* expressou a necessidade de alinhar a produção habitacional padronizada com a questão econômica dos planos quinquenais. O departamento precisou determinar objetivos principais que necessitavam atender a demanda de moradias dos residentes nas grandes cidades com a melhor forma econômica de utilização de recursos e melhorar o catálogo de apartamentos e estabelecer uma tipologia padrão.

A necessidade era criar um tipo habitacional que fosse de transição para o modo de vida socialista a partir de um edifício de pequenas unidades individuais e serviços coletivizados. Segundo Vega (2020), como o Departamento de Padronização de *Stroykom* foi composto basicamente por membros da OSA, fez com que a tipologia residencial das *Dom-Kommuna's*, idealizada por seus membros, fosse pensada para ser reproduzida em massa em um curto período.

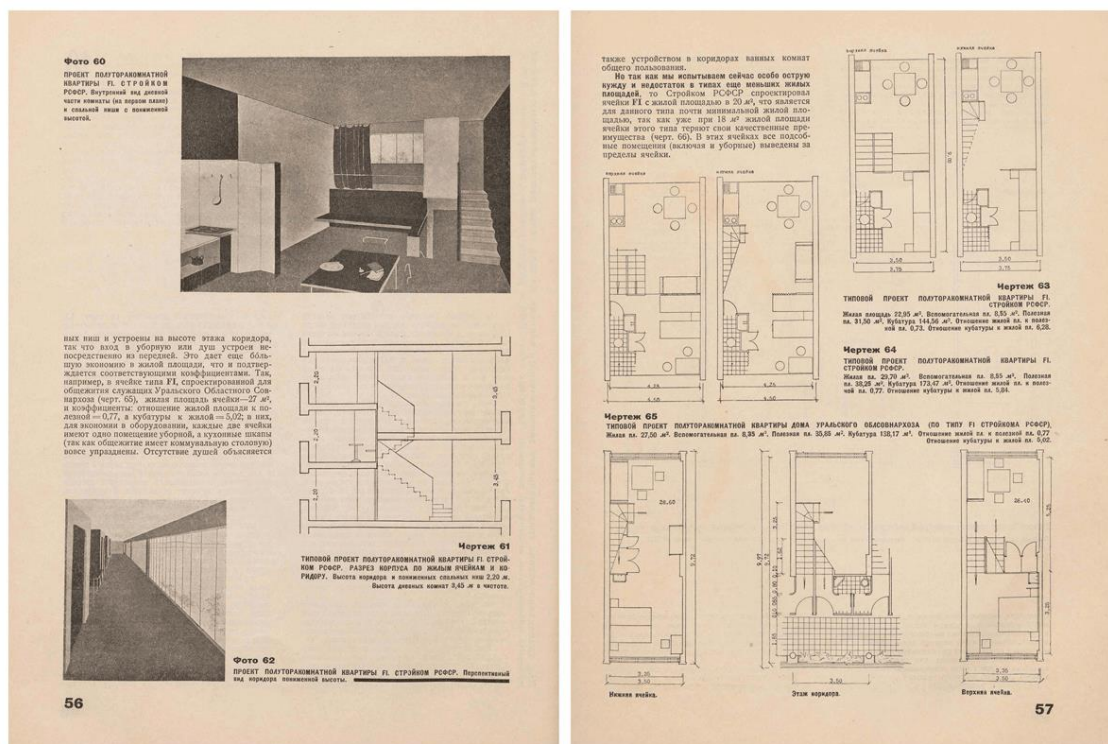
Segundo Vega (2020), para atender a questão econômica, Ginzburg e seus colegas da OSA adotaram estudos de método e movimento definidos pela reformadora americana Christine Frederick para adestrar o trabalho doméstico, que Margarete Schütte-Lihotzky havia empregado em seu projeto da Cozinha de Frankfurt⁶, em 1926.

Vega (2020) nos mostra que isso permitiu que Ginzburg e seus colegas desenvolvessem as denominadas unidades habitacionais tipo A, que fazia com que se economizasse espaço por mais de 10% em comparação com os modelos anteriores. Posteriormente foram feitos ajustes nas áreas que gerou 10% de economia espacial em relação ao tipo A, sendo denominado tipo B. Mas as tipologias A e B eram insuficientes, juntamente com suas variantes C, D, E e F que diversificavam suas rotas de circulação. Porém é na tipologia F que Ginzburg e sua equipe veem, a partir de uma perspectiva de economia e demanda habitacional, a que mais respondia as necessidades. A tipologia “F” se mostrou com o diferencial de reduzir o espaço mínimo por pessoa, se integrar a novos espaços coletivos e ser flexível o suficiente

⁶ Ver: KAP, Silke Kap; LINO, Sulamita Fonseca. Na cozinha dos modernos. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p. 11-27, mar. 2010.

para a sua aplicação tanto em edifícios quanto em construções com maiores coletivizações.

Figura 2 – A tipologia F de habitação



Fonte: VEGA, Daniel Movilla. **Housing and Revolution: from the dom-kommuna to the transitional type of experimental house (1926-30).** Architectural Histories, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 1-16, maio 2020.

A proposta da tipologia “F”, como exposto na Figura 2, era de os acessos aos apartamentos serem feitas por um corredor intermediário através de escadas internas, e de ter um pequeno fogão por apartamento, fazendo com que o morador utilize a cozinha comunitária e apenas aquecesse seus alimentos ou consumissem chás em seus espaços residenciais. Esse fator, além de trazer uma privacidade para seus moradores, fazia uma transição gradual e pacífica para o modo de vida socialista e comunal que se desejava.

Entre os anos de 1928 e 1929, com o sucesso da tipologia “F”, o *Stroykom*, o Comitê de Construções Estatais da União Soviética deu início a pensar sobre como edificar essas propostas teóricas em habitações. Mas, como aponta Richardson (1989), a realização da tipologia habitacional proposta pela OSA entrou em confronto com

uma economia socialista em depressão, o que tornava esses projetos economicamente e tecnicamente irrealizáveis. (NUNES, 2017). Com isso, segundo Miguel Felipe Silveira dos Santos, dentre os diversos projetos propostos, apenas dois são inicialmente construídos, sendo um deles, o mais notório: o *Narkomfin*.

Figura 3 – O edifício residencial Narkomfin



Fonte: MOISEI Ginzburg and Ignatii Milinis' *Narkomfin* (1930). 2013. Disponível em: <https://thechamelhouse.org/narkomfin-4/>. Acesso em: 15 out. 2021.

O *Narkomfin*, destinado aos trabalhadores do Comissariado do Povo das Finanças (*Narodnyy Komissariat Finansov*)⁷, com o anúncio de “uma nova vida exige formas novas” (SANTOS, 2018), foi concebido como um protótipo e se tornou o exemplo mais notável de execução prática do trabalho do Departamento de Padronização da Stroykom (VEGA, 2020). Estão previstos no projeto áreas coletivas como ginásio, biblioteca, creche e terraço jardim, alocados em um bloco separado, com acesso por uma passarela ligada a forma principal, e deixando o morar e espaço

⁷ *Narkomfin* é o encurtamento de *Narodnyy Komissariat Finansov*.

destinado para o trabalho reservado para o espaço privado familiar, como aponta Sabrina Studart Fontenele Costa (2017). Assim, alguns dos equipamentos que posteriormente seriam coletivos estavam presentes na sua forma individual, porém acompanhados de instalações comuns, de modo a incentivar a transição para o novo modo de vida sem torná-lo compulsório (CUNHA, 2019).

Esse foi um dos cuidados de Ginzburg na execução do projeto do *Narkomfin*: de aproximar as formas tradicionais de morar, que eram entendidas como uma replicação espacial arquitetônica burguesa, com a forma socialista que se pretendia e, assim, estimular uma transição indolor para o novo modo de vida a partir das áreas comuns e de sociabilidade a partir dos espaços coletivos. Ginzburg acreditava que o contexto social e econômico da URSS não precisava de uma mudança radical, e isso se faz perceber na ausência de propostas radicais que exijam a plena imposição da vida em comunidade, do fim da família tradicional e a separação dos filhos de seus pais (VEGA, 2020).

A proposta de coletivização dos espaços comunais dentro do *Narkomfin*, permitia que, segundo Costa (2017) “[...]a organização comum das tarefas domésticas e a assunção pelo Estado da saúde e da educação dos filhos permitem-lhe trabalhar e ser economicamente independente” (apud NAVAILH, 1995). A tipologia residencial permitia que a mulher fosse livre das atividades domésticas devido a esse convívio comunitário proposto pela unidade habitacional, ao contrário das produções habitacionais do mundo capitalista, que colocava a mulher como membra e integrante do espaço da residência, e não do mercado de trabalho.

O *Narkomfin* foi o primeiro edifício a ser construído sobre os Cinco Pontos para uma nova Arquitetura, propostos por Le Corbusier, em 1927:” a elevação sobre pilotis, a planta livre permitindo a adequação da forma à função, a composição do alçado livre, as janelas rasgadas horizontalmente e a cobertura plana permitindo a sua utilização para terraço, jardim ou solário” (NUNES, 2017), como bem podemos notar a partir da Figura 3, o que levou o edifício ser elogiado pelo arquiteto franco-suíço e pela crítica internacional por se tratar de uma construção, além de dentro dos

preceitos da arquitetura moderna, mas de apresentar um projeto que propunha, de maneira edificada, a transformação para a sociedade socialista.

Mesmo que Ginzburg e sua equipe tenham elaborado soluções tanto para tornarem a execução economicamente viável e socialmente aceita, o seu momento de construção se cruzou com a desvinculação do sonho socialista de Lenin (VEGA, 2020). Com a ascensão de Josef Stalin e com ele a consolidação do Realismo Soviético como estilo artístico Estado Soviético (ANDRADE, 2010) nos anos de 1930, desencadeou que tudo aquilo que fugisse do estilo proposto, estaria fadado a estar desaprovado, e não foi diferente com o *Narkomfim*.

6. Considerações finais

A Revolução Russa fez com que se criasse um terreno fértil para que os princípios artísticos e sociais se encontrassem para o pensar na transformação do homem a partir da manipulação dos espaços que transparecem a vontade e anseios de seu tempo. Com o construtivismo foi possível, além de aliar o social e o artístico, de se criar uma tipologia que unisse tanto os anseios populacionais por residências em uma Rússia que se industrializava quanto às necessidades políticas de Estado de, sobretudo por resolver a questão habitacional, criar um tipo de arte que representasse os novos tempos propostos pela Revolução Socialista.

Ginzburg, junto com sua equipe da OSA, propunha, do ponto de vista materialista-dialético marxista, apresentar soluções para as necessidades do seu tempo e apontar um direcionamento para uma transformação social gradual a partir de suas tipologias habitacionais por meio dos princípios modernos. Segundo Vega (2020), esses princípios eram totalmente inconcebíveis no mundo ocidental capitalista, mas encontraram um ambiente social, político e artístico frutuoso na Rússia Revolucionária, que fazia com que os olhos das vanguardas europeias se voltassem para o que estava sendo produzido arquitetonicamente na URSS.

A revolução social pelo morar proposto pela equipe da OSA fizeram com que se abrisse o leque de opções e oportunidades de se pensar o design e da organização residencial não somente na Europa, mas no mundo, a partir da crença de

seus membros em uma arquitetura como um instrumento da humanização e integração social (VEGA, 2020), que é sentido principalmente na produção residencial no pós Segunda Guerra Mundial.

A exemplo, temos a *Unité d'Habitation*, em Marselha no ano de 1947, desenvolvido em zona rural francesa, por Le Corbusier, que, como demonstramos, se mostra como um entusiasta do pensar no morar proposto pelos soviéticos da década de 1920. O arquiteto franco-suíço buscava atender, dentro de seu projeto habitacional, arranjos familiares diversos e uma hierarquia detalhada entre os espaços públicos e privados, observados tanto na sua circulação interna quanto com a sua relação com o exterior, se baseando em tendências anteriores, como as experiências soviéticas.

Mesmo que por questões políticas e econômicas os projetos construtivistas não floresceram com mais vigor em território soviético, sua tipologia habitacional nos traz reflexões e alternativas do morar e da nossa relação, como sociedade, com a questão habitacional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Homero. Freitas de. **O realismo socialista e suas (in)definições**. Literatura e Sociedade, [S.L.], n. 13, p. 152, 29 jun. 2010. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).
- COHEN, Jean-Louis. **O Futuro da Arquitetura Desde 1889**: uma história mundial. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.
- CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Modos de morar na metrópole**: a representação das mulheres e da domesticidade nos apartamentos duplex. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero: transformações, conexões, deslocamentos, Florianópolis, 2017.
- CUNHA, Tayná Marques. **Habitação coletiva moderna**: diálogo entre o caso soviético e o caso brasileiro entre os anos 1930 e 1950. 13º Seminário Docomomo Brasil, Salvador, out. 2019.

DOMSCHKE, Vera Lúcia. **O Ensino da Arquitetura e a Construção da Modernidade**. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ILIE, Evelina Andreea. **O habitat coletivo como determinante social: o contributo da arquitetura do regime comunista para a conformação artificial de uma comunidade, em Bucareste, entre 1945-1989**. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020

KOPP, Anatole. **Constructivist architecture in the USSR**. London: Academy Editions; New York: St. Martins Press, 1985

KOPP, Anatole. **Quando o Moderno Não era um Estilo e Sim uma Causa**. São Paulo: Edusp, 1990

LÊNIN, Vladimir Ilyich. **O estado e a revolução**. Obra escolhidas. Trad. Instituto Marxismo-leninismo do PCUS. ed. São Paulo: Alfa-omega, 1988

MARTELL, P. Berlin: Legislation Concerning Residential Development in the Soviet Union. In: LISSITZKY, El. **Russia: an architecture for world revolution**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1970. p. 159-166.

MELO, Wanderson Fabio de. **A Revolução Russa e o direito à moradia: de 1917 a 1945**. Projeto História, São Paulo, v. 68, n. 1, p. 44-78, abr. 2020.

NUNES, Paulo Simões. **O Construtivismo: (ou) a arquitetura no país dos soviets**. Arte Teoria, Lisboa, v. 1, n. 18/19, p. 91-110, jan. 2017.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada 5: da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-99.

RICHARDSON, William. **Architecture, Urban Planning and Housing During the First Five Year Plans: Hannes Meyer in the USSR, 1930-1936**. Urban Studies. v. 26, n. 1, 1989, p. 155-63, fev. 1989.

SANTOS, Miguel Felipe Silveira dos. **Políticas econômicas, políticas de imagem e políticas de memória: o caso do "Narkomfin"**. Dossiê Práticas Editoriais e Intermediações da Cultura Arquivos do Cmd, Brasília, v. 7, n. 1, p. 100-123, jun. 2018.

VEGA, Daniel Movilla. **Housing and Revolution: from the dom-kommuna to the transitional type of experimental house (1926-30)**. Architectural Histories, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 1-16, maio 2020.

VILLELA, Annibal. O Desenvolvimento Industrial da Rússia, 1860-1913. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 31-85, jan. 1970.

WURSTER, Catherine Bauer. The Social Front of Modern Architecture in the 1930s.
Journal Of The Society Of Architectural Historians, California, v. 24, n. 1, p. 48-52, mar. 1965.